

O KAMA-SUTRAS PARA ALÉM DE VATSYAYANA: RELAÇÕES DE GÊNERO
NAS LEITURAS DO ANTIGO LIVRO INDIANO.

*Felipe Salvador Weissheimer*¹

RESUMO: A intenção deste artigo é apresentar algumas considerações sobre nossas análises em relação aos deslizamentos de sentidos que surgiram nas obras de Alicia Gallotti em relação ao *Kama-sutras* de Vatsyayana, considerando, também, a primeira tradução inglesa do livro (efetuada por Burton), que foi a tradução responsável pela propagação do livro nos idiomas anglo-saxões e latinos. Buscamos operacionalizar nossas análises a partir da categoria “gênero”, que nos serviu de fundamento para observarmos as relações de poder e hierarquias presentes nas obras analisadas. Além disso, analisamos a forma pela qual, a partir da instituição da narrativa erótica, Gallotti transgrediu a ordem androcêntrica presente nos discursos de Vatsyayana e Burton. Assim, a estrutura deste artigo se desenvolve considerando a forma e o conteúdo das obras.

Palavras-chave: História do Livro; Deslizamentos de sentidos; Bio-política; Kama-sutras.

ABSTRACT: The intention of this article is to present some thoughts on our analyzes regarding the reframing of meanings that emerged in the works of Alicia Gallotti regarding the Kama Sutras of Vatsyayana, considering also the first english translation of the book (made by Burton) which was responsible for the translation of the book spread in Anglo-Saxon and Latin languages. We seek to operationalize our analysis from the category "gender", which served basis for us to look at the power relations and hierarchies present in the analyzed works. In addition, we analyze the way, from the erotic narrative institution, Gallotti broke the androcentric order present in the discourse of Vatsyayana and Burton. Thus the structure of this article is developed considering the form and content of the works.

Key-works: History; Reframing of meanings; Biopolicy; Kama-sutras.

INTRODUÇÃO.

O objetivo principal neste artigo é analisar os deslizamentos de sentidos do *Kama-sutras* de Vatsyayana (traduzido e comentado por Richard Francis Burton na Inglaterra em 1883) nos *Kama-sutras* escritos pela jornalista Alicia Gallotti, publicados

¹ Doutorando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista Promop-Udesc.

no Brasil entre 1999 a 2010, considerando as condições de produção dos discursos em cada contexto, bem como as respectivas leituras e usos do antigo livro indiano. Busca-se compreender os atravessamentos de outras posições, discursos e formações discursivas que influenciaram os modos de subjetivação, as práticas, a proposição de performances sexuais, a construção das identidades de gênero e suas sociabilidades nos *Kama-sutras* de Gallotti. A autora buscou dissertar, de modo estratégico, sobre as possibilidades de “novas” práticas sexuais aos seus leitores, abrangendo as identidades de gênero e performances sexuais não previstas no *Kama-sutras* de Vatsyayana, mediante uma narrativa da ordem da fantasia erótica. Neste sentido, buscaremos analisar os discursos sobre a sexualidade e os gêneros em Gallotti a partir das técnicas de poder que lhe são contemporâneas. O entendimento destas técnicas de poder que interpelam o discurso demonstram as rupturas e as continuidades dos discursos de Gallotti em relação aos *Kama-sutras* de Vatsyayana, informações importantes para compreendermos as relações sociais contemporâneas. As obras, entrevistas, reportagens e produções sobre/da autora foram materiais de significativo valor documental para efetuar as análises, pois correspondem à produção de discursos, de juízos, de projetos, de sínteses e de referências consistentes, que são atravessados por outros sentidos e que diferenciam as múltiplas funções da publicação do *Kama-sutras* de Vatsyayana em relação aos *Kama-sutras* de Gallotti.

Buscamos em nossas análises operacionalizar, sobremaneira, a categoria “gênero”. Inicialmente, a partir dos anos 1980, “gênero” (que tomamos como referência para nossas análises), foi primeiramente utilizada para se contrapor ao determinismo biológico². Desse modo, “gênero” foi desenvolvido como uma oposição a “sexo”, o primeiro designando o que é socialmente construído, e o segundo o que é biologicamente dado³. Assim, a partir deste conceito, considera-se que, embora os indivíduos tenham um dado anatômico-biológico (genital) que caracteriza o seu “sexo”, a identidade de gênero é uma construção social e cultural, na qual os sujeitos passam por intervenções morais e disciplinas corporais que os constituem enquanto tal. Joan W.

² Sobre a história da historiografia de gênero, sugerimos a leitura de: FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. In: *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994; GAMA, Glória Maria Oliveira. *Escrita masculina/personagens femininas: os contos de Rinaldo de Fernandes*. João Pessoa, 2012. 174 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba; MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, set-dez/2005.

³ Mais informações em: NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

Scott (1995), que foi uma referência neste campo de estudo, entendeu que os discursos de gênero são elementos constitutivos das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo que estes discursos são uma forma primeira de significar as relações de poder. Neste sentido, a partir de Scott, buscamos analisar os discursos que delineiam as fronteiras entre os gêneros na intenção de perceber as relações de poder que os constituem.

No entanto, conforme percebemos no *Kama-sutras* de Vatsyayana, com base em Judith Butler (2003), o “sexo” é tão discursivo e cultural quanto o “gênero”. Portanto, as dicotomias sexo/gênero, masculino/feminino, essencialmente, não dariam conta de subsidiar um campo teórico confiável para ancorar nossas análises, pois, no *Kama-sutras*, as mulheres poderiam “desempenhar papéis masculinos”, simulando seus genitais, seu “sexo”. Da mesma maneira que os homens poderiam simular performances sexuais “femininas”.

Além disso, por exemplo, no *Kama-sutras*, há várias receitas para a mudança na anatomia genital, inclusive com a utilização de utensílios (chamados de *Apadravyas*):

São as seguintes espécies de *Apadravyas*: a “pulseira” (*Valaya*), que tem o tamanho do linga e a superfície exterior recoberta de pequenas saliências ásperas. O “par” (*Sanghati*), formado de duas pulseiras. O “bracelete” (*Chudaka*), composto por duas ou mais pulseiras unidas entre si de modo a cobrir o comprimento do linga. O “bracelete simples”, formado por um fio metálico simples enrolado em torno do linga, de acordo com as suas dimensões. O “*Kantuka*” ou “*Jalaka*” é um tudo aberto nas duas extremidades, oco, tendo áspera a superfície exterior e forrado de pequenas saliências macias, que se ajusta às paredes do iôni, sendo preso à cintura do homem (VATSYAYANA, 1988, p. 203).

Portanto, se considerarmos, por um instante, apenas o dado anatômico-biológico do genital como “natural” (em oposição àquilo que supostamente é culturalmente alterado) estaríamos nos equivocando, haja vista que o dado biológico também sofre alterações culturais.

Concomitante a isto, conforme destacou Glória Maria Oliveira Gama, uma das propostas mais representativas de Butler para a historiografia de gênero esteve no “reconhecimento de que as identidades de gênero não são fixas; elas movem-se no sentido de preencher as necessidades individuais dos atores sociais que as desempenham” (GAMA, p. 56). Neste sentido, concluiu-se que “gênero” e “sexo” não são, necessariamente, categorias opostas, uma vez que ambas são culturalmente construídas.

No *Kama-sutras* de Vatsyayana, embora as identidades de gênero não sejam fixas, houve um esforço significativo em delinear suas fronteiras, mesmo que as performances sexuais de homens e mulheres pudessem “destoar” dos padrões estabelecidos. Neste sentido, nos detemos à análise das representações sobre as mulheres, não incorrendo numa postura essencialista, mas reconhecendo os dados apresentados no *Kama-sutras* (pelo menos na tradução de Burton) como, basicamente, estruturado a partir da dicotomia homem/mulher. Por isso, incluindo nas análises os deslizamentos de sentidos presentes nas obras de Alicia Gallotti, buscamos analisar como as diferenças entre homens e mulheres foram estruturantes nas relações de poder, como formam hierarquias entre os sujeitos.

Acreditamos que, a exemplo do *Kama-sutras* de Vatsyayana, muitos livros causam uma “falsa impressão” aos leitores e estudiosos, pois aparentam certa isonomia entre os sexos. Revelar as relações de poder que condicionam a construção discursiva, que delineava as fronteiras entre os gêneros, foi o grande desafio nesta pesquisa e, possivelmente, uma das mais significativas contribuições sociais que desenvolvemos, pois possibilita a análise e a compreensão das relações de gênero na atualidade. Neste sentido, acreditamos que o trabalho que operacionalizamos em relação aos *Kama-sutras* extrapola as fronteiras do campo historiográfico e contribui de forma significativa para refletirmos sobre as relações sociais como um todo.

As fantasias eróticas da autora são objetos discursivos que possibilitam entendermos como ela, não reproduzindo os preconceitos de gênero presentes na obra de Vatsyayana, desenvolveu performances sexuais que reconfiguram as hierarquias entre homens/mulheres, heterossexuais/homossexuais nos novos *Kama-sutras*. Acreditamos que somente a partir da fantasia erótica, que “preencheu o vazio” deixado pela ausência da tradição do *Kama-sutras* nos livros de Gallotti, foi possível constituir as obras da autora que fazem referência ao clássico livro indiano.

O *Kama-sutras* de Vatsyayana (séc. I-IV) tinha uma característica peculiar, que era a de dissertar sobre os comportamentos religiosos, sociais e sexuais adequados para um “homem cidadão”. O *Kama-sutras* de Vatsyayana foi escrito para a leitura de

homens ligados ao estilo de vida de um homem que se sociabilizava nas cidades, que frequentava as festas dos haréns reais. Por isso o termo “homem cidadão”. Neste sentido, no que se refere ao prazer e ao sexo, Vatsyayana escreveu que os homens deveriam proporcionar prazeres sexuais às suas esposas para que os mesmos conseguissem manter uma forma de dominação sobre elas, mediante o prazer sexual.

A prescrição da necessidade de aquisição de riquezas, mediante a instituição de variadas práticas e comportamentos sociais, constituiu uma ética econômica sem a qual não haveria possibilidade de satisfazer os prazeres. Mas, conforme enunciou Vatsyayana, *Artha*⁴, além da aquisição de riquezas, constitui-se na “proteção do que se adquire e o aumento daquilo que se protege” (VATSYAYANA, p. 70). Percebemos que esta ética econômica prescrita por Vatsyayana referia-se também às esposas. Deste modo, as mulheres eram consideradas bens materiais e, uma vez adquirida(s) a(s) esposa(s), o homem deveria protegê-la(s), equivalente a uma propriedade. Assim, a ética voltada para a satisfação dos prazeres femininos, nos aforismos sobre *Kama*, é uma evidência de como se garantiria a manutenção do poder sobre as esposas, mediante a satisfação sexual.

Portanto, a observância à satisfação dos prazeres das esposas foi uma estratégia instituída (ou reproduzida) pelo autor para garantir aos maridos a administração do matrimônio, pois, sendo à mulher uma posse e sendo os prazeres sexuais uma maneira de “reavivar o amor” que efetiva os laços matrimoniais⁵, o discurso de Vatsyayana se constituiu num poderoso instrumento ético que garantia a manutenção das relações de gênero e conseqüente dominação masculina no meio familiar.

A ética voltada para a satisfação dos prazeres femininos não representou para Vatsyayana uma forma de benevolência para com o gênero feminino. As relações de gênero na antiguidade indiana eram extremamente díspares para acreditarmos na bondade do autor em relação às mulheres. No discurso de Vatsyayana havia

⁴ O *Kama-sutras* de Vatsyayana, livro que materializa parte da tradição hindu, foi escrito a partir de princípios éticos regulativos, chamados de *Dharma*, *Artha* e *Kama*. De um modo geral, *Dharma* refere-se às práticas religiosas, *Artha* à aquisição de riquezas e *Kama* à satisfação dos sentidos. Para Vatsyayana a religião (*Dharma*) condicionava a aquisição de riquezas (*Artha*), e a aquisição de riquezas condicionava a satisfação dos prazeres (*Kama*).

⁵ A satisfação do prazer da companhia, para Vatsyayana, era uma garantia disso: “se o homem e a mulher agirem de acordo com o gosto de ambos, o seu amor não diminuirá, nem mesmo ao fim de cem anos” (VATSYAYANA, p. 106).

preocupações em manter alguns aspectos que caracterizam uma dominação masculina⁶, tais como a primazia do patriarcado como poder hegemônico do lar, a observância da virgindade feminina, a possibilidade dos homens usufruírem dos prazeres oferecidos pelas cortesãs e, em especial à cultura hindu, a legitimação do casamento poligâmico.

A inserção e o reconhecimento da atividade sexual como algo indispensável à vida foi uma estratégia de manutenção, não somente da dominação masculina, mas também dos poderes políticos da classe bramânica frente aos avanços tanto das doutrinas hedonistas⁷, quanto do ascetismo budista. Neste sentido, houve certo sincretismo na tradição hindu, pois foram absorvidas algumas proposições filosóficas do hedonismo na teoria e nas práticas sexuais instituídas por Vatsyayana. Mas um hedonismo exercido, sobretudo, pelos homens. Sendo que as mulheres que poderiam fazer de suas vidas um projeto dedicado aos prazeres eram, exclusivamente, as cortesãs.

Por sua vez, Richard Francis Burton (1883) – tradutor inglês do *Kama-sutras* – observou no livro de Vatsyayana um discurso possível à reflexão sobre as práticas sexuais dos vitorianos, e constituiu o *Kama-sutras* como um manual de aprendizagem sexual.

A partir do *Kama-sutras*, Burton imaginou um “Oriente exótico”, portador de conhecimentos sexuais e eróticos. Este “Oriente exótico” do tradutor-comentador criou um efeito discursivo de considerável estímulo sobre as disposições afetivas dos leitores, fato que reforçou sua ação ideológica de transformação das práticas eróticas e sexuais dos vitorianos. Burton achava que o *Kama-sutras* era importante para os ingleses, pois continha “muitas coisas novas e interessantes sobre a união dos sexos”. Além disso, observava que a ignorância acerca das práticas sexuais levava o homem inglês a não desfrutar totalmente dos prazeres matrimoniais, além de não satisfazer plenamente os desejos sexuais de sua esposa. Assim, percebemos que havia um sentido imanente ao discurso de Burton sobre o passado indiano, no qual o tradutor-comentador buscou pela

⁶ Sobre o sintagma “dominação masculina”, ver detalhes em: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

⁷ O hedonismo é doutrina filosófico-moral que afirma que o prazer é o supremo bem da vida humana. Esta doutrina pode variar conforme o campo do conhecimento que a apropria. De fato, o hedonismo materialista dos Carvakas é consideravelmente diferente do hedonismo de Vatsyayana, que se apropriou e inseriu a temática do prazer na tradição hindu. Atribuem aos gregos a fundação do hedonismo filosófico, que distinguiram os estados da alma em prazer e dor (método diferenciado do ascetismo budista). Assim, a satisfação do prazer seria o caminho para a felicidade, único capaz de diminuir a dor. E o prazer corpóreo seria o próprio sentido da vida. Mais informações em: CARVALHO, Bruno Silva. Similaridades entre a tradição upanishádica e a filosofia grega antiga. *Revista Sacrilogens*, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 124-141, jul/dez 2012.

pretensão de se alcançar a “verdade” sobre o passado indiano, atingir a realidade inglesa do final do século XIX.

Predominantemente, ao longo do livro, Vatsyayana destinou seu discurso aos homens, como agentes ativos e produtores dos prazeres sexuais. Neste sentido, as representações compartilhadas por Burton no *Kama-sutras* sobre a “natureza sexual feminina” (considerada essencialmente passiva), concomitante a uma parcela emergente dos discursos médicos, reconheciam que as mulheres só se saciavam quando experimentavam o “espasmo genésico” (orgasmo)⁸. Assim, percebemos que, por exemplo, o discurso do Dr. Jules Guyot⁹ sobre o espasmo genésico foi significativo para que Burton tirasse algumas conclusões sobre a natureza do prazer sexual feminino, referenciado em seus comentários, no livro. Guyot defendia a necessidade do marido e da esposa satisfazerem suas excitações sexuais de forma completa e perfeita, vivenciando a sensação do espasmo genésico.

Já Alicia Gallotti (1999-2010), se apropriou do título do clássico indiano, sem reproduzir o discurso de Vatsyayana, dissertando de forma diferenciada sobre o sexo e o prazer. A autora, por não reproduzir a tradição-discurso do *Kama-sutras* criou um vazio discursivo, mas que foi preenchido mediante o uso de uma linguagem metafórica e da ordem na fantasia erótica, na intenção de desenvolver reflexões sobre a sexualidade (a partir da sexologia e da emergência de demandas sociais atuais) e estimular os leitores ao “deleite dos prazeres sexuais”.

No projeto orientalista de Burton, presente nos comentários do tradutor no *Kama-sutras* publicado em 1883, pareceu que conhecer o “outro”, ou seja, conhecer aquele que está “para lá” da “fronteira ocidental”, foi um ato fundante da subjetividade

⁸ O “espasmo genésico” (orgasmo), enquanto fenômeno físico-sexual, no discurso de Guyot, era tido como as contrações involuntárias e convulsivas dos músculos, sobretudo os relacionados e que afetavam os órgãos sexuais, incluindo aqueles que não obedecem aos comandos conscientes. Manifestava-se em diversas circunstâncias, mas especialmente se realizava de forma simultânea em homens e mulheres, produzindo um êxtase momentâneo. Para Guyot, nos seres humanos o ato genésico completo e perfeito era normal se, depois de sentido, deixasse um estado de bem-estar e saúde, comparado ao que resultava da satisfação de uma “necessidade imperiosa” (necessidade fisiológica) (GUYOT, 1882, p. 64). O êxtase e sensação de saciedade que acompanhava o espasmo físico era uma das características emocionais do espasmo genésico. Após o choque nervoso que caracterizaria o espasmo físico, os indivíduos sentiriam uma sensação de perfeita calma, no qual o estado “mais negro da mente” tenderia a alegria e “expansão do coração” (GUYOT, 1882, p. 64-65).

⁹ Jules Guyot (1807-1872) se dedicou a várias áreas do conhecimento, dentre elas a física, a medicina e a agronomia, além da política. Teve um currículo acadêmico de considerável destaque nestas áreas, com várias publicações. Em especial, no que se refere à medicina, aspirava, mediante reflexões filosóficas, algumas considerações sobre a fisiologia humana e suas relações com as emoções. Mais informações em: GUYOT, Jules. *Bréviaire de l'Amour Experimental*. Paris: Librairie Physiologique, 1882.

individual do tradutor-comentador. Imaginando um “Oriente exótico”, portador de conhecimentos sexuais e eróticos, ele criou um efeito discursivo de considerável estímulo sobre as disposições afetivas dos leitores, no qual o discurso de Vatsyayana (autor do *Kama-sutras*) constituiu-se num manual de aprendizagem. Já Alicia Gallotti buscou (sob o signo do *Kama-sutras*) ampliar as possibilidades das práticas sexuais, abrangendo as identidades de gênero e performances sexuais não reconhecidas no *Kama-sutras* de Vatsyayana (tais como o sexo oral, o sexo anal e a homossexualidade), fato que caracteriza uma prática discursiva denominada de desligamento de sentidos. Além disso, Burton publicou (sem *copyright*) apenas 250 cópias do livro, enquanto Gallotti, sob a lógica do atual mercado editorial, superou a marca de mais de um milhão de publicações.

O primeiro *Kama-sutras* conhecido pelos ocidentais foi traduzido (do sânscrito para o inglês) e publicado por Richard Francis Burton, em 1883, na Inglaterra. A princípio, o autor indiano do livro, Vatsyayana, que supostamente viveu entre os séculos I-IV, buscou compilar alguns manuscritos da tradição hindu para preservar uma “memória dos antigos”. No entanto, em paralelo à compilação, Vatsyayana inseriu práticas variadas à tradição, elencando diferentes comportamentos sociais (ligados às convenções sociais, tal como o casamento, o convívio com as cortesãs) e performances sexuais (arranhões, beijos, posições de coito).

Vatsyayana dissertou sobre o erotismo na tradição hindu na tentativa de garantir tanto a manutenção do poder político e social dos brâmanes (sacerdotes hindus), quanto à dominação masculina sobre as mulheres sujeitas à tradição. No *Kama-sutras*, as mulheres eram consideradas como bens materiais, equivalente a uma propriedade do marido. A ética voltada para a satisfação dos prazeres femininos, no *Kama-sutras* de Vatsyayana, é uma evidência de como se garantiria a manutenção do poder sobre as esposas: mediante a satisfação sexual das mesmas. Portanto, a observância à satisfação dos prazeres das esposas foi uma estratégia instituída por Vatsyayana para garantir aos maridos a administração do matrimônio.

Richard Francis Burton (o tradutor-comentador vitoriano do *Kama-sutras*), ideologicamente, buscava a instituição de “novas” performances sexuais aos seus contemporâneos, a partir tradução do *Kama-sutras* de Vatsyayana. Para ele importava não apenas “conhecer o outro”, mas “aprender com o outro”, e o discurso de Vatsyayana foi constituído por ele num manual de aprendizagem. Ou seja, a partir do *Kama-sutras*, Burton imaginou um Oriente exótico, portador de conhecimentos sexuais e eróticos. Esta faceta do discurso de Burton, que poderíamos denominar de uma “comunidade imaginada” pelo tradutor-comentador criou um efeito discursivo de considerável estímulo sobre as disposições afetivas dos leitores.

Acompanhando a emergência das demandas sociais que questionam as estruturas que mantêm a heteronormatividade, surgiram novas versões do *Kama-sutras* ao longo do século XX. Percebemos que o fenômeno da globalização (e a transnacionalização cultural), em pleno desenvolvimento, fez com que o *Kama-sutras* se constituísse numa referência à “cultura exótica” indiana. Deste modo, o *Kama-sutras* tornou-se um bem cultural, utilizado de várias maneiras pelo mercado cultural. Vários autores estiveram de olho nos grupos de leitores que compõem o mercado editorial, e em alguns casos, fomentaram o surgimento de novas formas de consumo literário. Dentre os autores que publicaram novas versões do *Kama-sutras*, Alicia Gallotti se destacou tanto pela quantidade de livros, quanto pela tiragem dos mesmos.

Em especial, os *Kama-sutras* de Gallotti abrangem as mais variadas identidades de gênero e os gostos por prazeres sexuais, reflexo das transformações históricas, enunciadas anteriormente. A autora já publicou quatorze livros, dentre eles pelo menos nove são versões do *Kama-sutras*: o *Kama sutra ilustrado* (1999), o *Kama sutra para o homem* (2003), o *Kama sutra para a mulher* (2003), o *Kama sutra gay* (2005), o *Kama sutra para lésbicas* (2005), o *Kama sutra e outras técnicas orientais* (2005), o *Kama sutra do sexo oral* (2006), o *Kama sutra XXX: as práticas sexuais mais inconfessáveis* (2007), *Kama Sutra: as 101 posições mais sensuais* (2010). Atualmente, a autora domina o mercado editorial sobre o *Kama-sutras*, superando mais de um milhão de publicações vendidas até 2011.

Há diferenças significativas entre as condições de publicação (ou seja, a formação discursiva) dos *Kama-sutras* de Gallotti e a versão inglesa de 1883. No final do século XIX vigorava na Inglaterra a *Obscene Publications Act* (Lei de Publicações Obscenas) que regulava a circulação de publicações de cunho erótico, na qual

autorizava a circulação das obras apenas entre os colecionadores e as instituições públicas culturais (frequentadas pelas classes elevadas). A Lei de Publicações Obscenas de 1857 foi uma materialização da moral interdutora da atividade sexual, hegemônica entre os vitorianos. Já na atualidade, podemos encontrar qualquer versão do *Kama-sutras* em livrarias ou bancas de jornal, fato que demonstra como é propício, livre e amplo o mercado das publicações deste gênero, contemporaneamente.

Tomamos como elemento fundamental as transformações nas relações de gênero e sexuais: a partir do final do século XIX e ao longo do século XX, o *Kama-sutras*, como um bem simbólico cultural, foi tomado como objeto de linguagem, no qual se inseriu uma fala específica, ligada à temporalidade em que o discurso foi enunciado. Em outras palavras, falando-se do *Kama-sutras* (e/ou através dele) os enunciadores abordaram temas específicos do seu momento histórico, com um horizonte de expectativas de transformar, criar ou reproduzir formas de sociabilidade e práticas voltadas para o êxito pessoal através da sexualidade. Neste ínterim, as narrativas de Gallotti, com características atemporais e anacrônicas, ressignificaram as relações de gênero (representações e proposição de performances sexuais) em relação ao *Kama-sutras* de Vatsyayana.

Foi possível a não reprodução da dominação masculina (hierarquias de gênero, preconceitos sexuais) mediante a instituição de narrativas da ordem da fantasia erótica (que se sobrepôs ao discurso tradicional do *Kama-sutras* de Vatsyayana), mas que incorporou novas demandas sociais (sexologia, discursos feministas, *queer*).

Há uma característica peculiar na narrativa erótica, que lida com a imaginação/mundo onírico. Neste sentido, é possível efetivar paralelos com a teoria psicanalítica do desejo no que se refere aos sonhos/vida onírica (imaginação e formação dos fantasmas-fantasias), na intenção de entender o poder da narrativa, a produção e efeito de excitação da fantasia erótica como elementos constitutivos das performances sexuais e representações de gênero.

A afirmação de que há uma atemporalidade na fantasia erótica (desordem na função da história) parte do pressuposto de que a vida onírica (sonhos/fantasia) é formada a partir de elementos soltos, temporalmente incongruentes. Ou seja, o tempo psíquico da vida onírica não é o mesmo do tempo histórico e, a partir desta diferenciação, constatamos que a atemporalidade da fantasia erótica preencheu o vazio da história da tradição do *Kama-sutras* de Vatsyayana, nas obras de Gallotti.

Neste ínterim, a autora representou as tradições místicas-sexuais da Índia e as utilizou para fundamentar seus discursos sobre performances sexuais. Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina*, enunciou que as mudanças visíveis que afetaram a condição feminina mascaram a permanência de estruturas invisíveis, que mantêm as relações de gênero de forma hierarquizada. Assim, em função da história ser um elemento que condiciona as relações hierarquizadas entre homens e mulheres, Bourdieu lançou a proposição de que seria necessário uma des-historização da história, que romperia com o paradigma da dominação masculina. Neste sentido, as narrativas de Gallotti, por serem atemporais e anacrônicas, des-historicizam a tradição do *Kama-sutras*, fato que explica a não reprodução da dominação masculina (hierarquias, preconceitos) nos novos *Kama-sutras*.

Partimos do pressuposto que sempre por rizoma que o desejo se move e produz (DELEUZE; GUATTARI; 2011, p. 32), havendo então uma multiplicidade de agenciamentos que compõem um enunciado. O agenciamento é fundamentalmente libidinal e inconsciente (ele é o inconsciente em pessoa) (DELEUZE; GUATTARI; 2011, p. 64). O sexo é uma questão da política. Há um desdobramento do material histórico (discurso sexológico, feminista, *queer*) que reverbera no discurso de Gallotti, que dão significado às fantasias, condição para a sua eficácia. A atemporalidade (não a ausência de tempo, mas a desordem da função da história/tradição do *Kama-sutras*) e o anacronismo (representações descontextualizadas das tradições místicas-sexuais indianas) no discurso de Gallotti, são fontes de dispersão de uma nova forma de agir em relação ao prazer e ao sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Em nossas análises sobre os deslizamentos de sentidos, sobretudo relacionados ao posicionamento de Alicia Gallotti à tradição hindu, percebemos que não haveria outra forma de não reproduzir o androcentrismo de Vatsyayana e Burton senão transgredindo a lógica produzida no primeiro *Kama-sutras*. Alicia Gallotti é mulher e sua experiência condicionou a forma que produziu suas obras. Mas, a experiência não é o fenômeno. Assim, ela o fez mediante o desenvolvimento de uma narrativa erótica, na

qual as fantasias sexuais tomaram o espaço do vazio deixado pela não reprodução do discurso tradicional.

Nos debates e seminários de pesquisa em que venho apresentando os resultados parciais de minhas análises sobre os *Kama-sutras*, me deparei com algumas opiniões que perceberam na forma pela qual a autora produziu seus livros uma espécie de equívoco da autora, por não reproduzir a tradição que a precedeu. No entanto, seus livros não são da ordem historiográfica. Sua intenção era outra: promover, incentivar e discutir, mediante uma narrativa erótica, sobre a excitação, as performances e práticas sexuais. E o fez com propriedade: incluindo novas demandas, desconstruindo o androcentrismo e incentivando o desfrute dos prazeres eróticos e sexuais.

Se, conforme afirmaram Pascal Bruckner e Alain Finkielkraut (1981), estaríamos vivenciando uma “nova desordem amorosa”, Gallotti seria uma agente ativa neste processo de desconstrução das ordens de gênero, que centralizariam no macho heretossexual como a fonte de toda a dispersão das formas de prazeres sexuais.

Há certa carência de abordagem e análise nos estudos acadêmicos em relação às apropriações da literatura erótica indiana no mundo ocidental. Desta forma, estudar os deslizamentos de sentidos do *Kama-sutras* (1883) nas obras de Alicia Gallotti (1999-2010) é uma proposta inovadora, que possibilita compreendermos as apropriações e os usos desta literatura, e o emaranhado de representações que compõem os discursos deste gênero. Analisar os variados discursos que interagem e compõem os *Kama-sutras* é entender a complexidade das diferentes perspectivas instituídas sobre as relações sexuais, as relações de gênero (poderes, restrições, funções). Acreditamos que, a exemplo do *Kama-sutras*, muitos livros causam uma falsa impressão aos leitores e estudiosos, haja vista que, por tratarem da temática sexual, aparentam propor práticas que instituem certa isonomia entre os sexos. A princípio, percebemos que o exotismo atribuído aos *Kama-sutras*, por fazer referência a uma suposta liberdade sexual presente na cultura oriental é um dos subterfúgios discursivos que causam esta falsa impressão. Revelar as relações de poder que condicionam a construção e as estratégias discursivas, que delineiam as fronteiras entre os gêneros é uma das mais significativas contribuições sociais que desenvolveremos, pois possibilita a análise e a compreensão das relações de gênero e dos discursos sexuais na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRUCKNER, Pascal; FINKIELKRAUT, Alain. *A nova desordem amorosa*. Tradução de D. J. de Saingalf. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO, Bruno Silva. Similaridades entre a tradição upanishádica e a filosofia grega antiga. *Revista Sacrilogens*, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 124-141, jul/dez 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. 2 vol. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. In: *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994.
- GALLOTTI, Alicia. *Kama Sutra e outras técnicas orientais: os segredos do Oriente ao seu alcance*. Tradução de J. Nogueira. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.
- GALLOTTI, Alicia. *Kama Sutra gay*. Tradução de M. C. Lopes. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.
- GALLOTTI, Alicia. *Kama Sutra para a mulher: sexo sem limites*. Tradução de Magnolia León. São Paulo: Temas de Hoje, 2003.
- GALLOTTI, Alicia. *Kama sutra para lésbicas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.
- GALLOTTI, Alicia. *Kama Sutra para o homem*. Tradução de Magnolia León. São Paulo: Temas de Hoje, 2003.
- GALLOTTI, Alicia. *Kama sutra XXX: as práticas sexuais mais inconfessáveis*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- GALLOTTI, Alicia. *Kama Sutra: as 101 posições mais sensuais*. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- GALLOTTI, Alicia. *Kama-Sutra do sexo oral: os segredos do prazer para ele e para ela*. Tradução de M. Lopes. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.
- GALLOTTI, Alicia. *Novo Kama Sutra ilustrado: As melhores posições para fazer amor*. Tradução de Magnolia León. São Paulo, Temas de Hoje, 2003.

GAMA, Gloria Maria Oliveira. *Escrita masculina/personagens femininas: os contos de Rinaldo de Fernandes*. João Pessoa, 2012. 174 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba.

GUYOT, Jules. *Bréviaire de l'Amour Experimental*. Paris: Librairie Physiologique, 1882.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, set-dez/2005.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. 3 vol. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

VATSYAYANA, Mallanaga. *Kama Sutra*. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. F. Arbuthnot. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

WEISSHEIMER, Felipe Salvador. *Richard Francis Burton e a inserção do Kamasutras como um manual sexual entre os vitorianos (Inglaterra, 1883)*. Marechal Cândido Rondon, 2014. 129 p. Dissertação (Mestrado em História) – UNIOESTE.